



INVICTUS: CLASSE SOCIAL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM DEBATE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Leandro Teófilo de Brito

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – teofilo.leandro@gmail.com

Emanoel Borges Candal

Universidade Federal do Rio de Janeiro – emanoelborges@bol.com.br

Resumo: Este trabalho busca problematizar, através do uso do cinema nas intervenções de uma pesquisa-ação, como os/as estudantes refletiram sobre questões relacionadas às desigualdades étnico-raciais e de classe social no esporte, apresentando o espaço da disciplina Educação Física como potencializador de uma educação intercultural e descolonizadora. Utilizamos o filme *Invictus*, que retrata a história pós-apartheid na África do Sul e seus difíceis desafios de reparação das fortes desigualdades sociais e preconceitos étnico-raciais, retratando Nelson Mandela e sua confiança no esporte, para reduzir drasticamente os graves problemas de desunião e desigualdades presentes na sociedade sul africana. O contexto esportivo se apresentava através da elitização do rúgbi, onde praticamente só brancos o praticavam, e, em contraponto, a popularização do futebol entre os negros, que refutavam de forma clara e incisiva tudo que vinha do rúgbi, símbolo histórico do período recém-acabado, refletindo suas negações através da própria torcida contrária à seleção do país sul-africano, demonstrando a resistência e a mudança do cenário. Utilizamos a técnica de grupo de discussão para problematizar com alunos e alunas de uma escola pública federal do Rio de Janeiro, questões mais amplas relacionadas às desigualdades étnico-raciais e de classe social no esporte. Dentre as respostas levantadas, destacamos a interlocução racismo, desigualdades de classe social e questões associadas à aparência física. Desta forma, discussões relacionadas às diferenças são importantes, pois devem dialogar com um contexto histórico que contribui para uma sociedade mais igualitária, inclusiva e que respeita as diferentes expressões, contrapondo-se a padrões essencialistas e eurocêtricos.

Palavras-chave: invictus, raça-etnia, classe social, educação física.

Introdução

O debate da educação escolar na contemporaneidade nos remete a pensar em um processo que promova, dentro das instituições educacionais, reflexões sobre as relações de poder, o reconhecimento dos diferentes grupos socioculturais e o diálogo entre os mesmos.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Buscar estratégias que promovam estas discussões favorece a construção de um projeto em que as diferenças entre os sujeitos sejam sempre reconhecidas de forma positiva no espaço escolar.

Este trabalho está apoiado nos preceitos da interculturalidade crítica, que segundo Walsh (2009) encontra-se pautada com uma pedagogia e práxis orientadas ao questionamento, transformação, intervenção, ação e criação de condições radicalmente distintas de sociedade, humanidade, conhecimento e vida, a partir de uma perspectiva da decolonialidade¹. A perspectiva intercultural busca promover na educação, como afirma Candau (2008), o reconhecimento do “outro” em direção ao dialogismo entre os diferentes grupos culturais e sociais, além de:

Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais na nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas (CANDAU, 2008, p.23)

Nesta direção, ao pensar na Educação Física escolar sob os preceitos da educação intercultural, Neira (2011) aponta que a disciplina deve se desvincular da cultura eurocêntrica, que permeia historicamente seus saberes, afirmando em suas práticas a superioridade dos povos colonizadores em detrimento dos colonizados. De acordo com o autor, os currículos convencionais da Educação Física se preocupam com o ensino do gesto técnico dos esportes sem que se estabeleçam quaisquer análises das motivações que fizeram eleger esse conhecimento como principal no currículo e na trajetória sócio-histórica da disciplina no espaço escolar.

Desta forma, se propõe a descolonização do currículo da Educação Física:

A descolonização do currículo viabiliza um leque de oportunidades “diferentes”, proporcionando a participação equitativa das múltiplas identidades, aspecto central de uma escola comprometida com a apropriação crítica da cultura corporal por parte de todos os seus frequentadores. Por meio desse procedimento, o currículo cultural da Educação Física empreende a possibilidade de diálogo entre culturas, de convivência e partilha coletiva com o diferente, desestabilizando a noção de que existem culturas particulares autênticas (NEIRA, 2011, p.81).

¹ Utilizamos neste trabalho os termos decolonialidade e descolonialidade no mesmo sentido, pois se aproximam do ponto de vista teórico, embora tenham suas especificidades.



A partir destas afirmações, trazemos para discussão, neste trabalho, dados construídos a partir de uma estratégia realizada dentro de uma pesquisa-ação, no contexto de uma escola pública federal do Rio de Janeiro, em que se buscou problematizar nas aulas de Educação Física as desigualdades relacionadas à classe social e às relações étnico-raciais nas práticas corporais e esportivas. A estratégia que será explicitada como recorte foi o uso do cinema como intervenção na pesquisa, a partir do filme *Invictus*, seguido de um grupo de discussão (WELLER, 2006) com alunos e alunas.

Invictus é um filme lançado em 2009, dirigido por Clint Eastwood e inspirado no livro “Conquistando o inimigo” de Carlin (2009), que busca retratar a história pós apartheid na África do Sul e seus difíceis desafios de reparação das fortes desigualdades sociais e preconceitos étnico-raciais, produtos, principalmente, do próprio apartheid, embora já houvesse uma forte segregação racial na história da África do Sul antes do mesmo. O filme retrata Nelson Mandela (Morgan Freeman) e sua confiança no esporte para reduzir drasticamente os graves problemas de desunião, desigualdade e preconceito presentes na sociedade sul africana, extremamente segregada. O contexto esportivo se apresentava através da elitização do rúgbi, onde praticamente só brancos o praticavam, e, em contraponto, a popularização do futebol (soccer) entre os negros, que refutavam de forma clara e incisiva tudo que vinha do rúgbi, em especial os próprios Springboks², símbolo histórico do período recém-acabado, refletindo assim suas negações através da própria torcida contrária à seleção do país sul-africano. A presença de negros nos estádios tinha como objetivo a demonstração de que agora podiam estar nestes espaços, ao expressarem sua negação como forma de resistência e protesto aos símbolos que ainda representavam o apartheid e a supremacia branca. Ao longo do filme são mostradas diversas ações de união que são feitas por “Madiba” (Nelson Mandela), contrapondo-se às diversas críticas do povo negro, que por ele se sentia representado, e pelos brancos que representavam a classe dominante do país e o via como um “perigo”.

Diversas críticas foram feitas ao filme, por ter um olhar americanizado sobre a África, por não transmitir de forma fiel a história ocorrida, pelo nacionalismo retratado no filme estar dialogando com o americano, assim como a real situação da seleção de rúgbi sul-africana e

² Springboks é o apelido usado pela seleção de rúgbi da África do Sul que se refere a um antílope da fauna africana.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

das tensões que ocorreram mesmo após as políticas de Mandela (CAPRARO, MEDEIROS & LISE, 2012; DIAS, 2014), porém é unanimidade que o período foi um grande avanço para reparar problemas político-sociais do país e também é extremamente notório a visão de Mandela e outros agentes políticos (concordantes ou não com as ações do presidente) de que o esporte tinha o poder de mudar de forma efetiva o contexto que o país vivia.

Neste trabalho, buscamos problematizar, através do uso do cinema dentro das intervenções de uma pesquisa-ação, como os/as estudantes refletiram sobre questões relacionadas às desigualdades étnico-raciais e de classe social no esporte, apresentando o espaço da disciplina Educação Física como potencializador de uma educação intercultural e descolonizadora, a partir de diferentes práticas. Na sequência discutiremos, de forma específica, os caminhos metodológicos deste trabalho e, logo após, apresentaremos os dados discursivos construídos no campo de pesquisa.

Metodologia

O uso do cinema na educação, para Fabris (2008), se mostra frutífero em problematizações a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, pois envolve os artefatos imagéticos e culturais ao colocar as relações de poder presentes na sociedade no cerne das questões. Neste contexto, discussões relacionadas à diversidade e às diferenças podem ser apropriadas, através do uso de filmes como estratégias que permitem um olhar para questões culturais de gênero, raça, etnia, classe social, etc. na educação, reconhecendo-a como um processo cultural amplo que ultrapassa os limites da escola.

Como coloca a autora:

Os filmes foram tomados como textos culturais que ensinam, que nos ajudam a olhar e a conhecer a sociedade em que vivemos e contribuem na produção de significados sociais. Eles contam histórias, e analisar tais textos criticamente é uma possibilidade de entender não só os processos em que foram gestadas, como também o modo como essas histórias produzem efeitos nas diferentes culturas em que circulam (FABRIS, 2008, p. 120/121).

Levando-se em conta estas afirmações, utilizamos como estratégia em uma pesquisa-ação mais ampla, o uso do cinema como uma das intervenções de pesquisa. O uso do cinema como ferramenta de pesquisa no campo da educação apresenta como objetivos interrogações de ordem filosófica, histórica, cultural, estética ou pedagógica que, possíveis de serem



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

pensadas a partir de filmes, carregam consigo perguntas sobre o tempo presente (MARCELLO & FISCHER, 2011).

A pesquisa-ação é, segundo Thiollent (2011), uma estratégia metodológica da pesquisa social que busca a interação entre pesquisadores e sujeitos pesquisados, caminhando no sentido de promover ações concretas para solucionar problemas e aumentar o nível de consciência de todos os envolvidos. Desta forma, elencamos as desigualdades sociais de classe e étnico-raciais como principal questão a ser problematizada nas aulas de Educação Física, a partir de uma perspectiva intercultural crítica e descolonizadora, no sentido de promover reflexões entre os/as estudantes sobre o tema.

A pesquisa foi desenvolvida com uma turma de 9º ano do ensino fundamental, durante as aulas de Educação Física, em uma escola pública federal no Rio de Janeiro, dentro de um trimestre, no primeiro semestre do ano de 2015. A turma contava com 32 alunos e alunas, que, durante o processo de pesquisa, vivenciaram aulas teóricas sobre a temática, discussões sobre casos recentes de racismo no esporte de alto-rendimento, leituras e criação de textos, aulas práticas em que os processos de exclusões foram problematizados, além da estratégia do uso do cinema, que destacamos nesta pesquisa.

Neira (2011) afirma que um currículo descolonizado na Educação Física vai levar em consideração em suas ações, atividades que permitam lidar com a heterogeneidade da cultura corporal, tais como:

[...] a assistência a vídeos, modos variados de participar das vivências corporais, construção de blogs, filmagens e fotografias realizadas pelos alunos, análises de textos e imagens presentes nas mídias, elaboração de clipes, atividades compartilhadas com outras escolas, demonstrações durante as aulas, estudos do meio, construção de materiais, preparação e realização de entrevistas, conversas com convidados, elaboração de apresentações para a comunidade e realização de pesquisas (p.90).

Utilizamos, após os/as estudantes assistirem o filme *Invictus*, a técnica de grupos de discussão, para promover o debate sobre as relações étnico-raciais e de classe social apresentadas no filme. Weller (2006) afirma que os grupos de discussão, a partir da década de 1970, passaram a ser um procedimento metodológico na pesquisa social, com base no interacionismo simbólico, na fenomenologia social e na etnometodologia, e não mais uma técnica de pesquisa de opiniões, pois reconheceu-se o seu uso como um método. A autora também levanta que os grupos de discussão, já na década de 1980, foram muito utilizados nas



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

pesquisas com jovens, seja nos estudos clássicos da sociologia da juventude, seja nos estudos com base na psicologia do desenvolvimento.

Nas palavras da autora:

Portanto, os grupos de discussão representam um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do habitus coletivo do grupo. Seu objetivo principal é a análise dos epifenômenos (subproduto ocasional de outro) relacionados ao meio social, ao contexto geracional, às experiências de exclusão social, entre outros (WELLER, 2006, p. 247).

Utilizamos, de acordo com os procedimentos do método, um tópico-guia para subsidiar as discussões sobre o filme com os/as estudantes, embora o roteiro fosse usado de forma flexível ao longo do debate. Buscamos fazer com que as discussões fossem dirigidas ao grupo, propondo reflexões interativas entre alunos e alunas, fazendo intervenções apenas quando fosse necessário para manter a ordem nas falas ou quando se lançasse outra pergunta.

Outra questão importante colocada por Weller (2006), diz que:

O grupo pode corrigir fatos distorcidos, posições radicais ou visões que não refletem a realidade socialmente compartilhada. Estando entre os membros do próprio grupo, os jovens dificilmente conseguirão manter um diálogo com base em histórias inventadas. Nesse sentido, é possível atribuir um grau maior de confiabilidade aos fatos narrados coletivamente (p.250).

Submetemos os dados transcritos do grupo de discussão ao procedimento de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) e, dentre as técnicas utilizadas, nos pautamos na categorização, que é considerada a mais antiga e mais utilizada. Essa técnica significa uma operação de classificação de elementos pertencentes a um determinado conjunto pela sua diferenciação, e logo após, reagrupamento ao efetuar uma analogia entre eles, representando uma passagem dos dados de seu estado bruto para informações ordenadas e organizadas. Pode ser feita através de desmembramento do texto em unidades, sendo a investigação de temas ou análise temática a mais rápida e eficaz (*idem*).

Procuramos identificar as relações de desigualdades retratadas no filme *Invictus*, tendo como pano de fundo o fenômeno esporte, para discutirmos questões que elencamos como fundamentais, gerando reflexões sobre a realidade brasileira e carioca nas relações étnico-raciais, de classe social e políticas sobre e no esporte, visando uma leitura crítica das posições



sociais e do diálogo histórico/atualidade. A perspectiva da interculturalidade crítica e da decolonialidade embasaram estas premissas. Discutiremos, a seguir, alguns dos dados referentes a esta intervenção no processo de pesquisa.

Resultados e Discussão

O racismo é real (Aluno 1)³

O tema racismo, como principal viés do filme, foi levantado logo no início das discussões entre as/os estudantes, através de uma pergunta inicial sobre as impressões gerais dos mesmos em relação à história central. O fato dos negros, no início do longa metragem, não apoiarem o time de rugby de seu país, pela representatividade forte que lhe era atribuída como símbolo do apartheid, foi apontado por alunos e alunas:

Aluno 1: Negros torciam para a Inglaterra, pois eram proibidos de jogar no time de rugby, daí torciam pro time adversário sempre.

Aluna 1: Teve o menino negro que não queria pegar a camisa do time do Springboks

Pesquisador 1: O que vocês acham disso?

Aluna 2: Se ele pegasse a camisa poderia apanhar. Pela pressão da sociedade.

Aluna 3: Se ele pegasse a camisa estaria apoiando os brancos e seria julgado pelas outras pessoas

Esta cena discutida pelas/os estudantes, apresentava, de forma explícita, a oposição entre negros e brancos vivida na África do Sul, durante o período histórico do fim do apartheid. Nas falas expostas, a Aluna 2 aponta a pressão da sociedade como uma justificativa para esta oposição e a Aluna 3 o julgamento das pessoas da comunidade, que não aceitariam que um menino negro vestisse a camisa de um time de “brancos”. De todo modo, esta compreensão da Aluna 3, como de outras/os alunas e alunos, não esteve relacionada a um entendimento sobre “racismo invertido⁴”, pois ao ser questionadas/os por nós, pesquisadores,

³ Apresentaremos as falas dos sujeitos da pesquisa com recuo de parágrafo, como nas citações diretas, mas em itálico, diferenciando-se das mesmas.

⁴ Gomes (2008) afirma que ações afirmativas em relação a questões étnico-raciais algumas vezes são interpretadas, em especial por grupos conservadores, como autoritarismo de estado ou racismo às avessas, e, deste modo, se faz necessário refletir sobre a questão histórica das relações raciais no Brasil, para que tais concepções sejam desmistificadas.



as/os estudantes reconheciam que falar de racismo representava todo um processo sócio-histórico mais amplo, vivenciado especificamente pelos negros.

Suscitar e problematizar reflexões em relação ao racismo entre os/as estudantes, nos remete a ações de questionamentos, rupturas e ressignificações no espaço escolar, com base em uma educação intercultural e decolonial, que, como aponta Walsh (2009): [...] afirma o lugar central da raça, do racismo e da racialização como elementos constitutivos e fundantes das relações de dominação” (p.16). Neste sentido, estratégias, como estas, que promovam reflexões sobre as desigualdades e os mecanismos de exclusão presentes na sociedade, tornam-se uma missão e um processo permanente de aprendizagem nas aulas, conforme nossa pesquisa buscou se pautar.

Conforme exposto, o filme apresentava o esporte dividido na África do Sul em futebol (voltado para os negros) e rúgbi (voltado para os brancos). A partir destas premissas, os/as estudantes também travaram discussões que se direcionaram ao contexto cultural do esporte nosso país, conforme as falas abaixo:

Pesquisador 2: Aqui a gente tem uma cultura de ver o branco e o negro juntos no esporte. Mas será que é só no futebol?

Aluna 2: No vôlei tem gente negra, mas eu acho que é porque o futebol é mais valorizado aqui no Brasil, por isso tem mais.

Aluna 1: Muitos negros não tem oportunidade de treinamento, de ir a um centro de treinamento... os brancos tem mais dinheiro pra isso.

Aluno 1: As condições de quem faz esporte na favela é diferente daquele que que vai pra um clube, uma escolinha... as condições são melhores.

Alunos e alunas levantam, na discussão exposta, as oportunidades que as pessoas brancas e negras têm, quando levamos em conta sua posição socioeconômica para a prática dos esportes. As afirmações são unânimes em colocar que pessoas com nível socioeconômico mais elevado teriam mais oportunidades, associando estas maiores chances a pessoas brancas. Bento (2002) apud Gomes (2008) afirma que o branco tem o privilégio simbólico da brancura, mesmo em situação de pobreza, e, desta forma, associar o debate sobre raça apenas relacionando-o à classe social limita a amplitude das compreensões subjetivas do racismo.

[...] Além dos benefícios sociais, econômicos, educacionais e políticos vividos pela população branca no Brasil em detrimento dos negros, os quais são comprovados pelas pesquisas sobre desigualdades sociais em nosso país, será que refletimos sobre os benefícios simbólicos de “ser branco no Brasil”? (GOMES, 2008, p.74).



Em direção a uma educação intercultural, reconhecemos que esta perspectiva tem como base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de desigualdades sociais, porém se situa também em confronto com processos radicais de afirmação de identidades específicas, rompendo com visões essencialistas, pois leva-se em conta o processo de hibridização cultural, que diz respeito a construção de identidades abertas e em construção permanente (CANDAU, 2012). Neste sentido, relativizamos concepções que afirmam que todo negro tem uma posição socioeconômica inferior a do branco, sem deixar de reconhecer que, no contexto das desigualdades sociais em que estamos inseridos, este é um dado real, conforme exemplificada nas falas de alunos e alunas, que remetem às dificuldades dos negros, oriundos de comunidades, em relação aos brancos, de classe média, por exemplo, no acesso à prática de esportes.

Dando continuidade a esta discussão sobre as diferenças entre as classes sociais, as reflexões dos/das estudantes destrincharam subtemas que surgiram a partir do questionamento sobre a divisão rúgbi/futebol:

Pesquisador 1: A divisão entre o rúgbi e o futebol estava baseada em que na opinião de vocês?

Aluna 1: Nas diferentes classes sociais

Pesquisador 1: E no que mais?

Alunos e Alunas: Raça

Aluno 3: Aparência

Pesquisador 1: Vocês acham que a questão da classe social interfere em alguma coisa na aparência?

Alunos e Alunas: sim e não

Aluna 4: A pessoa tem que ser ela mesma, feio, com dinheiro, pobre, tem que ser ela mesma, não importa... ontem, a gente estava falando sobre isso, um cara que é cheio do dinheiro poderia fazer alguma coisa, melhorar a aparência.. mas não, ele é feio e tem dinheiro pra caramba, e se as pessoas aceitam ou não é problema delas. Eu não tenho que mudar pra agradar os outros, eu tenho que agradar a mim mesmo.

Aluna 2: Igual aquelas mulheres que ficam vendo jogo de futebol e ah, ele é feio, ele é bonito. O cara que é feio joga bem melhor que o cara que é bonito... e as mulheres mesmo tem esse preconceito com o jogador feio. Ah, o Neymar é feio, aí o outro fala, mas o Neymar joga muito melhor...

Dentre estes subtemas que surgiram, destacamos o entrecruzamento raça, classe social e aparência física. Nas concepções dos/das estudantes, haveria uma associação de que a classe



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

social interfere nos “padrões de beleza” hegemônicos, impostos pela sociedade, todavia, questionados através das falas das Alunas 2 e 4.

Trazendo esta discussão para o espaço da Educação Física escolar, reconhecemos que abordar temas como estes nas aulas tem como sentido, sobretudo, desmistificar visões essencialistas construídas sobre corpo e padrões estéticos pelo senso comum. Estratégias como estas, que buscam reflexões sobre estes pontos, vem ao encontro da construção de um currículo intercultural e descolonizado na Educação Física escolar, levando em consideração as múltiplas identidades e as subjetividades dos sujeitos excluídos e segregados, assim como:

Na sua luta pela sobrevivência, os grupos subordinados adquirem um conhecimento sobre aqueles que tentam dominá-los ao mesmo tempo em que procuram informar-se dos mecanismos diários da opressão e dos efeitos dessas tecnologias. Essa dupla consciência do oprimido pode ser compreendida como uma segunda visão que consiste na habilidade de enxergar a si mesmo por meio da percepção dos demais (NEIRA, 2011, p.82).

Conclusão

Podemos concluir, ao analisar as falas e o método de pesquisa, que buscamos utilizar para a problematização e o fomento à auto-reflexão e reflexão conjunta, o objetivo da desconstrução da Educação Física dentro das características de disciplinaridade e da visão comum e restrita ao prático. Também problematizamos as características colonizadoras dos principais movimentos doutrinários advindos da Europa e que norteiam até hoje muitos professores e escolas, tendo em vista um novo horizonte de uma Educação Física cada vez mais intercultural e descolonizadora.

O filme *Invictus* favoreceu a interlocução dos diferentes aspectos relacionados ao corpo e da interferência e expressão sociocultural que podemos retirar de uma análise da sociedade, sendo assim, alunos e alunas conseguiram refletir sobre as relações étnico-raciais e de classe social, aliando-as a um conjunto histórico através das práticas políticas e do esporte (no caso do filme, o rugby) trazendo para a realidade e problematizando características hegemônicas que são impostas em uma lógica de controle social, fundadas em origens colonizadoras. Portanto, o uso da técnica de grupos de discussão, utilizado na pesquisa, incentiva a desconstrução e as análises a partir do olhar do outro, das vivências de todos/as os/as envolvidos/as e a valorização das diferenças fora e dentro da escola, ação que poderia



não ocorrer ou ser reforçada nas aulas práticas, caso não se tivesse a preocupação de ser levantados estes assuntos.

É de extrema importância para a sociedade que a Educação Física escolar, seja um espaço para refletir sobre características sociais, exclusões e segregações através das diferentes expressões da corporeidade, visto que permitem a valorização de um corpo não “padronizado” mesmo que em contraponto às características hegemônicas impostas pela sociedade. Desta forma, discussões relacionadas às relações étnico-raciais e de classe social são importantes, pois devem dialogar com um contexto histórico que contribui para uma sociedade mais igualitária, inclusiva e que respeita as diferentes expressões, contrapondo-se a padrões essencialistas e eurocêtricos.

Referências

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. 1ª reimpressão da 1ª edição. São Paulo: Edições 70, 2011.

CANDAU, Vera. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 13-37.

CARLIN, John. **Conquistando o inimigo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CAPRARO, André Mendes; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de; LISE, Riqueldi Straub. “Invictus” – integração racial na África do Sul e o poder político no esporte. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 3, p. 551-820, 2012.

DIAS, Cleber. Esporte e Política em Invictus, de Clint Eastwood. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 515-530, 2014.

FABRIS, Elí Henn. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.33, n. 1, p.117-134, 2008.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 67-89.

MARCELLO, Fabiana de Amorin; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Tópicos para Pensar a pesquisa em cinema e educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519, 2011.

NEIRA, Marcos Garcia. **A reflexão e a prática no ensino - Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro, 2009, p. 12-42.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa** (USP. Impresso), São Paulo, v. 32, p. 241-260, 2006.